



ARTIGO

Inteligência emocional: relação com inteligência, variáveis sociodemográficas e habilidades sociais

Emotional intelligence: correlation with intelligence, socio-economic variables and social skills

Inteligencia Emocional: relación con inteligencia, variables sociodemográficas y habilidades sociales

Isaiás Peixoto¹

orcid.org/0000-0002-1737-0695
isaiaspeixotodsn@gmail.com

Monalisa Muniz¹

orcid.org/0000-0003-1628-6296
monamuniz@gmail.com

Recebido em: 2/5/2019.

Aprovado em: 4/4/2020.

Publicado em: 21/01/2021.

Resumo: A Inteligência Emocional (IE) é um construto psicológico amplamente divulgado nas últimas duas décadas, principalmente fora do meio acadêmico, mas requer uma maior diversidade de pesquisas científicas que contribuam para sua solidificação. Portanto, este trabalho buscou analisar a relação de IE com Inteligência (G), idade, sexo, renda familiar, escolaridade e Habilidades Sociais (HS). Participaram 120 pessoas, entre 18 e 61 anos de idade, de ambos os sexos, que responderam aos testes de percepção e de compreensão emocional, raciocínio abstrato e verbal e habilidades sociais. Os resultados encontrados indicaram correlação significativa positiva entre IE, G e escolaridade, negativa entre IE e idade, nenhuma correlação entre IE, HS e renda familiar e nenhuma diferença entre homens e mulheres para IE, sendo o raciocínio abstrato a variável mais preditora do construto. Tais informações auxiliam para uma melhor compreensão da IE e da sua relevância atual.

Palavras-chave: inteligência emocional, inteligência, habilidades sociais; psicologia cognitiva, emoções

Abstract: Emotional Intelligence (EI) is a psychological construct widely employed in the last two decades, especially outside the academic scope. A broader range of scientific studies to consolidate the construct. Hence, the goal of this research was to analyze the relationship between EI and Intelligence (G), age, gender, family income, education and Social skills (HS). A total number of 120 participants of both genders and ages 18 to 61 took tests on emotional perception and comprehension, abstract reasoning and verbal and social skills. Results indicate a significant positive correlation between EI, G and education, a negative correlation between EI and age, no relation among EI, HS and family income and no gender difference for EI. Abstract reasoning was found to be the best predictor for the construct. Such information adds to the understand of EI and highlights its current relevance.

Keywords: emotional intelligence, intelligence, social skills, cognitive psychology, emotions

Resumen: La Inteligencia Emocional (IE) es un constructo psicológico ampliamente divulgado en las últimas dos décadas, principalmente fuera del medio académico, pero que requiere una mayor diversidad de investigaciones científicas que contribuyan para su solidificación. Por lo tanto, este trabajo buscó analizar la relación de IE con Inteligencia (G), edad, sexo, renta familiar, escolaridad y Habilidades Sociales (HS). Participaron 120 personas, de 18 a 61 años, que respondieron a las pruebas de percepción y comprensión emocional, raciocinio abstracto y verbal y habilidades sociales. Los resultados indicaron correlación significativa positiva entre IE, G y escolaridad, negativa entre IE y edad, ninguna correlación entre IE, HS y renta familiar y ninguna diferencia entre hombres y mujeres para IE, siendo el raciocinio abstracto la variable más predictiva de IE. Tales informaciones auxiliam para la mejor comprensión de la IE y de su relevancia actual.



Palabras clave: inteligencia emocional, inteligencia, habilidades sociales, psicología cognitiva, emoción

A Inteligência Emocional (IE) é conceituada por intermédio de dois modelos: o de habilidades (Mayer, Caruso, & Salovey, 2016), que considera IE enquanto um conjunto de capacidades relativas às emoções e ao processamento de informações emocionais, com avaliação por meio de testes que medem o desempenho do participante com respostas certas e erradas; e autopercepção das capacidades de IE (Petrides & Furnham, 2000, 2001), que tem demonstrado relação com personalidade e geralmente é mensurado por instrumentos de autorrelato. Nesta pesquisa será utilizado o modelo de habilidades, inicialmente proposto por Salovey e Mayer (1990), que é composto atualmente por quatro facetas, nas quais as duas primeiras possuem aspectos experienciais e, as duas últimas, características estratégicas (Mayer et al., 2016): (a) percepção, avaliação e expressão das emoções (PE), (b) a emoção como facilitadora do pensamento, (c) a compreensão e a análise de emoções (CE), e (d) o gerenciamento das emoções. As facetas de percepção e de compreensão emocional serão consideradas para avaliação da IE no presente trabalho e dos estudos que serão apresentados nos parágrafos seguintes, apenas os trabalhos de Nikooyeh, Zarani e Fathabadi (2017), Noor e Hanafi (2016) e Salavera, Usán e Jarie (2017) não abordaram e não apresentaram resultados da IE por meio do modelo de habilidades.

Conforme o modelo de habilidades, a IE é concebida como uma inteligência e, por isso, é preciso que se relacione às medidas de Inteligência (G) e que se desenvolva com a idade, como alguns trabalhos já demonstraram (Cobêro, Primi, & Muniz, 2006; Di Fabio & Saklofske, 2014; Miguel, Ogaki, Inaba, & Ribeiro, 2013). Para investigar a relação entre a IE do modelo de Mayer e colaboradores (2016) e G, MacCann, Joseph, Newman e Roberts (2014) realizaram um experimento com 688 participantes, de 17 a 59 anos, com o intuito de examinar onde a IE se enquadrava dentro da estrutura de capacidades cognitivas de Cattell-Horn-

Carroll (CHC) (McGrew, 2009), com correlações significativas, de magnitudes fracas e moderadas, entre a percepção e compreensão emocional e a inteligência (G). Todos os participantes tiveram que responder a um teste de desempenho de IE que avaliava as facetas de compreensão, percepção e gerenciamento emocional, e outros 15 testes de G, sendo três para cada tipo de inteligência mensurada: inteligência fluida, inteligência cristalizada, memória e recuperação de curto prazo, raciocínio quantitativo e visual. Os resultados foram satisfatórios, corroborando à ideia de que a IE está relacionada a G, inclusive atendendo aos critérios para ser considerada um fator adicional do modelo de inteligência de CHC.

Um estudo com o objetivo de verificar a correlação entre idade e IE, com amostra de 12.198 espanhóis, entre 17 e 76 anos (Cabello et al., 2016), indicou que a faixa etária era o principal preditor para a capacidade de compreensão das emoções e do gerenciamento emocional, bem como predizia percepção emocional e o escore total de IE. Os resultados apontaram que os mais jovens tiveram melhores desempenhos médios na faceta de percepção das emoções e no escore total de IE relacionado às outras faixas etárias. As facetas de compreensão e de percepção das emoções apresentaram um declínio mais linear de IE em relação à idade. No entanto, os estudos envolvendo a idade e as facetas de percepção e de compreensão emocional da IE apresentam resultados diversos, uma vez que algumas pesquisas encontraram correlação significativa e positiva entre as variáveis ($r=0,20$, $N=946$) (Extremera, Fernández-Berrocal, & Salovey, 2006), outras, diferentemente, não encontraram relações significativas ($N=99$) (Farrelly & Austin, 2007), ou encontraram efeitos negativos para percepção das emoções ($r=-0,15$, $N=99$) e compreensão emocional ($r=-0,26$, $N=310$) (Cabello, Bravo, Latorre, & Fernández-Berrocal, 2014).

Além da relação com idade e G, na literatura da IE também é apontada a diferença entre os sexos biológicos, sendo que geralmente as pessoas do sexo feminino têm melhores desempenhos. Apesar disso, os resultados encontrados

apresentam algumas diferenças, sendo que em alguns as mulheres apresentaram maior aptidão em todas as facetas de IE e, também, na capacidade total (Joseph & Newman, 2010). Em outros, as mulheres demonstraram maiores pontuações apenas nas facetas de percepção e de facilitação emocional ($N=122$) (Castro-Schilo & Kee, 2010), ou indicaram que as mulheres têm maior habilidade em compreender e gerenciar emoções ($N=99$) (Farrelly & Austin, 2007), além de escores mistos, não demonstrando diferença significativa para PE e CE em relação aos sexos, mas com melhores resultados significativos para as mulheres no escore total da IE e na faceta de gerenciamento ($N=233$) (Goldenberg, Matheson, & Mantler Jr., 2006). Dessa forma, apesar das mulheres terem melhores desempenhos em IE, os dados sobre em quais dimensões e facetas elas têm maior capacidade, ainda são conflitantes.

Variáveis sociodemográficas também são importantes de serem investigadas com IE, como renda familiar e escolaridade, que contribuem para um entendimento mais contextualizado culturalmente sobre o construto. Uma família tende a desfrutar de satisfação de vida e ambiente mais saudável com a ajuda de mais recursos financeiros e isso pode levar ao desenvolvimento de habilidades emocionais, bem como o estresse advindo de necessidades financeiras pode contribuir para que os mais pobres se atentem, percebam e compreendam com menor acurácia as suas emoções e dos outros ($N=200$) (Noor & Hanafi, 2016).

Entretanto, investigações relacionando IE e renda familiar são escassas e as informações encontradas são divergentes. Por exemplo, estudos como o de Çoban, Karademir, Açak e Devecioglu (2010), não identificaram relação significativa entre renda e IE, mas o de Noor e Hanafi (2016), que não abordou o modelo de IE de Mayer e colaboradores (2016) encontrou relação significativa e positiva ($r=0,31$) entre IE e renda familiar, indicando que as dificuldades ou facilidades financeiras familiares afetam o nível de IE. Um ponto importante e que merece ser melhor investigado, é que nenhum deles foi

realizado com testes que avaliassem a IE por meio de desempenho, com respostas certas e erradas.

Relacionando IE à escolaridade, Goldenberg e colaboradores (2006) encontraram resultados que demonstraram haver uma relação significativa e positiva ($r=0,19$) para o escore total de IE e para as facetas de compreensão e de gerenciamento emocional em relação ao nível de escolaridade dos participantes. Os achados de Cabello e colaboradores (2014), com uma amostra de 310 participantes, evidenciaram que todas as facetas e o escore total de IE ($r=0,30$) estão correlacionados significativa e positivamente à escolaridade. Todavia, o foco maior dos trabalhos científicos tem sido fornecer dados convincentes sobre o nível de escolaridade relacionado à G e pouco se tem estudado a associação entre escolaridade e IE (Cabello et al., 2014).

De maneira geral, as facetas da IE remetem a situações de contexto social e a relações interpessoais, ao buscar entre outros aspectos, perceber, conhecer e analisar as emoções dos outros a fim de uma interação mais inteligente e adequada. Neste sentido, pode haver uma relação entre os construtos da IE e das Habilidades Sociais (HS), que são os "comportamentos sociais valorizados em determinada cultura que aumentam a probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade e podem contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais" (Del Prette & Del Prette, 2017, p. 67). Além disso, Del Prette e Del Prette (1999, 2014), citando Goleman (1995), escritor do livro *Emotional Intelligence*, que divulgou amplamente a IE fora do meio acadêmico, argumentam que tanto HS quanto IE estudam as relações sociais.

Alguns trabalhos internacionais, têm encontrado relação positiva entre IE e HS com r de 0,25 ($N=400$ mulheres) (Nikooyeh et al., 2017) e entre IE e fatores relacionados as HS como iniciar relações ($r=0,31$), afirmações negativas ($r=0,30$), divulgar informações pessoais ($r=0,42$), oferecer suporte emocional ($r=0,44$) e gestão de conflitos interpessoais ($r=0,35$), com uma amostra de 1.402 pessoas (Salavera et al., 2017). Contudo, ambas as pesquisas não avaliaram

a IE por meio do modelo de Mayer e colaboradores (2016) e também não foram encontradas pesquisas empíricas, no Brasil, relacionando os construtos IE e HS. Uma vez que nos testes de desempenho existem itens que a pessoa precisa demonstrar alguma habilidade, nos de autorrelato o respondente precisa concordar com um dos itens, sem a mensuração da capacidade e sem haver uma resposta certa ou errada (Urbina, 2007). O fato dos instrumentos utilizados para medir IE e HS serem de autorrelato nas pesquisas mencionadas acima, pode ter contribuído para essa correlação positiva e, caso fossem medidos por testes que avaliassem o desempenho, com resposta certas e erradas, os resultados poderiam ser diferentes. Os testes de autorrelato podem apresentar resultados diferentes a depender da autopercepção do próprio participante ou até mesmo da desejabilidade social, que pode contribuir para que o respondente informe aquilo que acha mais adequado e não a resposta real sobre si mesmo.

A partir dos resultados encontrados sobre a relação de IE com as variáveis de G e HS, serão investigadas, nessa pesquisa mais evidências para as facetas de percepção emocional (PE) e para a compreensão emocional (CE) da IE, as quais também auxiliarão para a melhor compreensão desse construto e da sua importância. Com o objetivo de analisar a relação das facetas PE e CE da IE com as provas de raciocínio abstrato (RA) e raciocínio verbal (RV) de G, serão utilizadas variáveis sociodemográficas de idade, sexo, renda familiar, escolaridade e HS. Espera-se que os resultados indiquem: correlação positiva, fraca e significativa com a RA e RV, uma vez que se pressupõe correspondência entre IE e a G (hipótese 1 [H1]); declínio dos escores de PE e CE com o aumento da idade (hipótese 2 [H2]); correlação positiva, fraca e significativa com a renda familiar e escolaridade (hipótese 3 [H3]); correlação positiva e significativa com HS (hipótese 4 [H4]); que as mulheres apresentem melhor desempenho que os homens (hipótese 5 [H5]); e que a idade é preditora do desempenho em PE e CE (hipótese 6 [H6]).

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 120 adultos, com média de idade de 32,16 anos ($DP=8,82$), mínimo de 18 e máximo de 61 anos. Foram 84 (70%) participantes do sexo masculino e 36 (30%) do sexo feminino. No que diz respeito à escolaridade, 32,5% relatou ter concluído o ensino médio, 24,2% cursa o ensino superior, 30% concluiu pelo menos uma graduação e 13,3% cursou ou cursa pós-graduação. A renda dos participantes está distribuída da seguinte forma: (a) 11,67% possui renda familiar de até 2 salários mínimos por pessoa, (b) 54,7% possui renda de 3 a 5 salários mínimos, (c) 23,33% recebe de 6 a 8 salários mínimos, (d) 7,5% de 9 a 12 salários mínimos, e (e) 3,33% acima de 12 salários mínimos.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico e de Carreira Profissional (QSCP). O Questionário Sociodemográfico e de Carreira Profissional (QSCP), elaborado pelos pesquisadores deste estudo, possibilita a coleta de dados pertinentes às informações sociodemográficas e de carreira dos participantes de forma padronizada. Para o levantamento dos dados demográficos dos participantes, foram elaboradas questões sobre: (a) idade, (b) sexo biológico, (c) escolaridade, com os itens de ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior cursando, graduação completa ou superior, cursando ou concluído pós-graduação, e (d) renda familiar, com os itens até 2 salários mínimos, de 3 a 5 salários mínimos, de 6 a 8 salários mínimos, de 9 a 12 salários mínimos, acima de 12 salários mínimos. As questões de escolaridade e renda familiar buscaram investigar qual era o atual momento dos participantes, não buscando investigar qual a estabilidade dessas duas variáveis. As questões sobre os dados profissionais, não foram utilizadas nesta pesquisa.

Os participantes responderam ao QSCP, em uma folha de papel, com canetas disponibilizadas pelos pesquisadores. Não houve limite de tempo para

responder ao questionário, mas os participantes o fizeram em aproximadamente 10 minutos.

Teste Informatizado de Percepção das Emoções Primárias (PEP). O PEP é composto por 38 vídeos de pessoas expressando emoções, sendo que os três primeiros são exemplos com instruções sobre como responder ao teste. Os vídeos foram construídos a partir de filmagens de pessoas enquanto assistiam apresentações de imagens e cenas de filmes (Miguel & Primi, 2014a). O participante deve identificar e clicar em uma ou mais emoções, que represente a determinada expressão emocional e, também, assinalar se aquela expressão é autêntica ou falseada (Miguel & Primi, 2014b). Ao todo, são oito expressões emocionais (alegria, amor, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva e curiosidade). A precisão do PEP para essa amostra, pela análise de Alfa de Cronbach, foi de 0,64, valor muito próximo do encontrado no estudo de validade do instrumento 0,65 (Miguel & Primi, 2014b). De acordo com a Resolução 009/2018 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018) são considerados satisfatórios os resultados de precisão igual ou superior a 0,60.

Teste Informatizado de Compreensão Emocional (TCE). O Teste Informatizado de Compreensão Emocional (TCE) (Oliveira & Bueno, 2013) contém 30 itens, com cinco alternativas cada uma, podendo ser respondido por adolescentes e adultos. Está dividido em dois blocos: (a) Bloco A, possuindo 18 itens sobre a transição das emoções, e (b) Bloco B, contendo 12 itens referentes à mistura das emoções. A aplicação pode ser coletiva ou individual e o participante não tem um tempo limite para responder ao teste. Cada questão contém um enunciado ou questão-problema. Os testes de precisão para os participantes da presente pesquisa indicaram resultado de 0,74, pelo Alfa de Cronbach.

Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). A BPR-5 (Primi & Almeida, 2000) é um instrumento que oferece estimativas do funcionamento cognitivo geral do respondente em cinco áreas específicas, divididos em cinco subtestes distintos, são eles: (a) prova de raciocínio verbal (RV), (b) abstrato (RA),

(c) mecânico (RM), (d) espacial (RE), e (e) numérico (RN). Foram utilizados nesta pesquisa os subtestes das áreas RA e RV, compostos de 25 itens cada. A forma B, utilizada nesta pesquisa é indicada para pessoas com ensino médio completo. A análise da precisão do teste, pelo Alfa de Cronbach, para a presente pesquisa foi de 0,79 para a prova RA e 0,73 para a prova RV.

Inventário de Habilidades Sociais 2 – IHS2-Del-Prette. O IHS2-Del-Prette (Del Prette & Del Prette, 2018), é composto por 30 itens com situações específicas, na qual o respondente deve indicar em uma escala *Likert* de cinco pontos, a estimativa de frequência de como se dá a sua reação para cada uma delas. O Escore Geral (EG) e os Escores Fatoriais (de F1 a F5) são determinados pela posição, em termos de percentis, em relação ao subgrupo de referência e de sexo biológico. A análise da precisão do teste, pelo Alfa de Cronbach, para a presente pesquisa foi de 0,82 para o EG.

No presente estudo, foi realizada a aplicação do teste IHS-Del-Prette (Del Prette & Del Prette, 2016), em 2017, uma vez que a versão atualizada do instrumento (IHS2-Del-Prette), ainda não estava disponível. Como o manual do IHS2-Del-Prette foi publicado em 2018 (Del Prette & Del Prette, 2018), optou-se por utilizar a correção e a interpretação dos resultados por meio desse manual, pois não ocorreu modificação de itens nessa versão, somente diminuição da quantidade de itens.

Procedimentos

O projeto da pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 70079817.6.0000.5504). Após aprovação, foi realizado o convite para os participantes via grupos específicos, compostos por profissionais de diferentes áreas (administrativo, vendas, produção e engenharia) do ambiente de trabalho nas mídias sociais e pessoalmente, por conveniência. A coleta de dados foi realizada em duas sessões coletivas ou individuais, de acordo com a disponibilidade e consentimento dos participantes.

Com exceção do QSCP e do IHS2-Del-Prette,

que foram respondidos em papel com caneta, todos os demais testes utilizados – RA, RV, BPR-5, PEP, TCE –, foram respondidos *online*, por meio de um computador que era disponibilizado pelos pesquisadores. O participante, utilizando-se de um computador com teclado e mouse, acessava um *software online* que continha os instrumentos. Para isso, após ler e concordar com o TCLE, criava inicialmente, um usuário e uma senha própria e, logo em seguida, acessava os testes informatizados, sem tempo limite para responder. Em se tratando de testes *online*, o resultado foi mostrado ao participante depois de ter respondido aos testes.

Os respondentes tiveram acesso ao *software online* com os instrumentos informatizados apenas no dia da coleta. O banco de dados dos testes informatizados foi elaborado por meio das respostas dos participantes e alocado em um domínio específico. As respostas foram obtidas de setembro a dezembro de 2017.

Análise de dados

Os dados foram analisados estatisticamente por meio do *software* SPSS, versão 21.0. Para TCE, RV e RA, utilizando-se das pontuações totais brutas de cada teste, para o PEP os resultados em *score-z* e, para o IHS2-Del-Prette, *scores*

padronizados no manual do teste. Ao investigar a distribuição da amostra, por meio do teste estatístico de Kolmogorov-Smirnov, observou-se que o resultado indicou dados assimétricos em variáveis como: escolaridade, renda, os *scores* de TCE, RA e os fatores do IHS2-Del-Prette. Ou seja, os dados não têm uma distribuição normal. Por isso foram analisados de acordo com testes de estatística não paramétrica.

A estatística inferencial, necessária para a comparação das variáveis foi verificada utilizando-se da correlação de Spearman, com níveis de magnitude sem relação ou relação não considerável (de 0,00 a 0,19), relação fraca (0,20 a 0,29), moderada (0,30 a 0,39), forte (0,40 a 0,69) e muito forte (0,70 a 1,00) (Duffy, Mclean, & Monshipouri, 2011), para testar as hipóteses 1, 2, 3 e 4 e Mann-Whitney para testar a H5, considerando o nível de significância de $p \leq 0,05$ e o tamanho do efeito de 0,00 a 0,19 como nenhum efeito, de 0,20 a 0,49 efeito pequeno, de 0,50 a 0,79 efeito moderado e de 0,80 a 1,00 efeito forte (Cohen, 1988; Lenhard & Lenhard, 2016). Para testar a H6 foi realizada análise de regressão.

Resultados

Os resultados serão apresentados descrevendo o que foi encontrado para cada uma das hipóteses.

TABELA 1 – Resultados para cada uma das hipóteses propostas

Hipótese	Descrição	Resultado
H1	Correlação positiva, fraca e significativa com a RA e RV	A hipótese foi confirmada
H2	Declínio dos <i>scores</i> de PE e CE com o aumento da idade	A hipótese foi confirmada parcialmente. Apenas houve correlação negativa entre PE e a Idade
H3	Correlação positiva, fraca e significativa com a renda familiar e escolaridade	A hipótese foi confirmada parcialmente. Apenas houve correlação positiva entre CE e a escolaridade
H4	Correlação positiva e significativa com HS	A hipótese não foi confirmada
H5	Que as mulheres apresentem melhor desempenho que os homens	A hipótese não foi confirmada
H6	Que a idade é preditora do desempenho em PE e CE	A hipótese foi confirmada parcialmente. A idade foi preditora apenas de PE

A Tabela 1 compila para cada uma das hipóteses propostas no trabalho se ela foi aceita ou refutada.

Como pode ser visualizado na Tabela 1, das seis hipóteses do estudo, uma foi confirmada, três confirmadas parcialmente e duas refutadas. Para uma melhor descrição dos dados, a Tabela 2 apresenta os valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores dos testes TCE e PEP (IE), testes RV e RA (G), idade, escolaridade, renda e o teste IHS2-Del-Prette, correspondente às hipóteses de 1 a 5.

A H1 sugeria haver uma correlação positiva, fraca e significativa entre PE e CE, que avaliam a IE, e RA e RV, que avaliam G, e como o esperado, ao correlacionar o PEP com os testes RA e RV ocorreu correlação positiva, fraca e significativa, sendo que houve maior correlação entre PEP e RA ($\rho=0,20$). Todavia, ao investigar a correlação entre o TCE com RA e RV foi encontrada correlação positiva, significativa e forte entre os construtos (Duffy et al., 2011). Foi possível observar que a H2, que propôs haver declínio dos escores de PE e CE com o aumento da idade é confirmada apenas para a correlação entre idade e o teste PEP ($\rho=-$

0,40), existindo uma correlação negativa, forte e significativa. Entretanto, não houve correlação significativa entre idade e o outro teste de avaliação de IE, o TCE ($\rho=-0,02$).

Era esperado, na H3, que existisse uma correlação positiva, fraca e significativa entre os instrumentos de IE (PE e CE) e escolaridade e renda familiar. Porém, houve correlação positiva, significativa e fraca apenas entre TCE e escolaridade ($\rho=0,23$). Os índices de correlação entre IE e renda estão bem próximos de zero, o que indica não haver correlação entre essas variáveis. Na H4, sugeria-se que houvesse uma correlação positiva e significativa entre PE e CE e HS. No entanto, o índice de correlação entre os testes PEP e TCE e o EG do IHS2-Del-Prette é quase nulo (0,06 para ambos). Resultados semelhantes também foram encontrados ao correlacionar os testes de IE e os fatores do teste de HS, portanto, não houve correlação entre PE e CE e HS. Os resultados das análises que investigavam se existem diferenças significativas para IE entre mulheres e homens indicou que não houve diferença de mediana significativa

TABELA 2 – Coeficiente de correlação entre as variáveis estudadas (N=120)

	PEP	TCE	Id.	Esc.	Rd	RA	RV	EG	F1	F2	F3	F4
TCE	0,21*											
Id.	-0,40**	-0,02										
Esc.	0,09	0,23*	0,15									
Rd.	0,02	0,04	0,19*	0,30**								
RA	0,20*	0,45**	0,01	0,15	0,12							
RV	0,19*	0,54**	-0,03	0,28**	-0,02	0,46**						
EG	0,06	0,06	0,01	0,12	-0,02	-0,05	0,11					
F1	0,06	0,02	-0,01	0,12	0,04	-0,11	0,01	0,82**				
F2	0,08	0,11	0,01	0,12	0,05	0,05	0,18	0,51**	0,30**			
F3	0,03	0,01	-0,06	0,03	-0,17	-0,07	0,11	0,64**	0,35**	0,28**		
F4	-0,06	0,14	0,02	0,07	-0,11	0,06	0,21	0,41**	0,07**	0,27**	0,22**	
F5	0,07	-0,12	-0,06	0,02	-0,07	-0,05	0,02	0,82**	0,61**	0,37**	0,49**	0,30**

TCE = Teste Informatizado de Compreensão Emocional; PEP = Teste Informatizado de Percepção das Emoções Primárias; Id. = Idade; Esc. = Escolaridade; Rd. = Renda; RA = Raciocínio Abstrato; RV = Raciocínio Verbal; EG = Escore Geral do IHS2-Del-Prette. F1 – Conversação assertiva; F2 – Abordagem afetivo-sexual; F3 – Expressão de sentimento positivo; F4 – Autocontrole/Enfrentamento; F5 – Desenvoltura social.

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$.

entre os sexos e o tamanho do efeito foi menor que 0,19, indicando que não houve efeito, tanto para o PEP ($U=1511,0$, $Z=-0,006$, $p=0,995$, $d<0,01$) quanto para o TCE ($U=1456,5$, $Z=-0,319$, $p=0,749$, $d=0,05$), não confirmando assim a H5.

A fim de verificar a H6, que sugeria que a idade seria preditora de PE e CE, uma análise de regressão múltipla foi realizada com o objetivo de determinar quais delas poderiam ser consideradas preditoras da IE entre os adultos pesquisados. A Tabela 3 apresenta o resultado da análise de regressão para o PEP e TCE. Foi possível observar, que apenas duas variáveis mostraram ser preditoras de IE no teste PEP (idade e o teste RA) e duas no teste TCE (os testes RA e RV). Tal procedimento forneceu um coeficiente de variância explicada (R^2) de 0,20 para o teste PEP e 0,24 para o TCE, o que determina que essas variáveis preditoras explicam mais de 20% da percepção e da compreensão emocional dos participantes.

No que se refere ao teste PEP, as variáveis preditoras são: (a) idade, confirmando a H6 apenas para a capacidade de percepção emocional da IE, e (b) o RA. A idade apresentou um coeficiente $-0,39$ e $p<0,01$, demonstrando ser preditora do PEP, tendo um coeficiente de regressão padronizado de $-0,39$. Pode ser deduzido que quando a idade

aumenta em um desvio padrão, a percepção da emoção diminuiria 0,39 desvio padrão. O valor t é $-4,72$ com uma probabilidade associada menor que 0,01. O raciocínio abstrato apresentou coeficiente de regressão de $-0,21$, diferente da idade, que teve coeficiente negativo. Sendo assim, sugere-se que quando o PEP aumenta em um desvio padrão, a habilidade de raciocínio abstrato aumenta em 0,21 desvio padrão, com valor de t em 2,61 e probabilidade associada de 0,01.

Em relação ao TCE, as variáveis preditoras foram RV e RA. O RV tem um peso padrão de 0,32 no segundo modelo da regressão e 0,44 no primeiro modelo, significando que, quando o desempenho em raciocinar verbalmente aumenta um desvio padrão, a capacidade de compreensão das emoções aumenta em 0,32 e 0,44 desvio padrão, respectivamente. Assim, como na análise de regressão do PEP, os índices de probabilidade associada estão abaixo de 0,02. Percebeu-se também, que o teste RA é preditor de ambos os testes de IE.

Discussão

O principal objetivo deste estudo foi analisar a relação de IE com G, variáveis sociodemográficas de idade, sexo, renda familiar, escolaridade e

TABELA 3 – Análise de regressão para os instrumentos de IE

Variável	Modelo	Variáveis preditoras	B	Erro-Padrão	t	p	F	R ²	
PEP	1	(Constante)	0,96	0,34		2,80	0,01	21,96	0,16
		Idade	-0,05	0,01	-0,40	-4,69	<0,01		
	2	(Constante)	-0,10	0,53		-0,20	0,84	14,93	0,20
		Idade	-0,05	0,01	-0,39	-4,73	<0,01		
TCE	1	(Constante)	16,42	1,49		11,05	<0,01	27,78	0,19
		RV	0,46	0,09	0,44	5,27	<0,01		
	2	(Constante)	13,98	1,70		8,21	<0,01	18,38	0,24
		RV	0,34	0,09	0,33	3,61	<0,01		
		RA	0,24	0,09	0,25	2,73	0,07		

PEP = Teste Informatizado de Percepção das Emoções Primárias; TCE = Teste Informatizado de Compreensão Emocional; RA = Raciocínio Abstrato; RV = Raciocínio Verbal.

HS. Os dados apontaram correlações fracas e significativas entre PEP e as provas RA e RV, e forte entre TCE e as provas RA e RV. Dados similares foram encontrados em outros trabalhos, mostrando que existe correlação entre as facetas de PE e CE da IE e outras medidas de G (Cobêro et al., 2006; MacCann et al., 2014). A maior magnitude e melhor significância entre TCE e os testes de G em comparação ao PEP, pode ter ocorrido, pois o TCE, assim como o RA e RV, pressupõe a capacidade de inteligência fluida, fazendo com que a relação entre os construtos aumente nessa análise. Além de que, o fato de tanto TCE quanto RV serem compostos de grafemas e frases pode contribuir para uma maior relação entre os testes.

A variável idade só esteve significativamente relacionada ao desempenho no PEP e não ao TCE, demonstrando uma correlação negativa e forte, o que também pode ser encontrado em outras literaturas (Cabello et al., 2014). Contudo, na pesquisa de Cabello e colaboradores (2016) a faceta de compreensão das emoções também apresentou um declínio linear com o aumento da idade. Tal resultado pode estar relacionado aos aspectos culturais da amostra, composta por participantes com pelo menos 18 anos, não sendo possível analisar a relação de CE para as crianças e os adolescentes, na qual a idade poderia estar relacionada positivamente com CE. Esse declínio também pode ser interpretado não como perda da capacidade ao longo dos anos, mas como influência de diferenças geracionais, ou seja, a diminuição ao longo do tempo apontada nas pesquisas seria reflexo de gerações mais antigas terem desenvolvido menos a IE do que as mais recentes, uma vez que podem existir influências das condições socioculturais e geracionais na percepção das emoções no processo de envelhecimento (Atkins & Stough, 2005).

Nenhuma correlação significativa foi encontrada ao relacionar a IE, por meio dos testes de percepção emocional (PE) e a compreensão emocional (CE) com a renda, semelhante ao encontrado por Çoban e colaboradores (2010), que realizou seu estudo na Turquia. Essa semelhança pode se dar pelas características

sociodemográficas de ambos trabalhos, por exemplo, na distribuição de renda a maioria dos participantes tinha remuneração média, eram adultos e 70% eram do sexo masculino. Além disso, dos estudos encontrados, a Turquia é o país com distribuição de renda mais parecida com o Brasil (World Bank, 2018). Nesse aspecto, o ambiente financeiro ou classe social não estiveram diretamente relacionados aos melhores ou piores níveis de PE e CE, entretanto, o resultado foi divergente do encontrado por Noor e Hanafi (2016), que aplicou a pesquisa no Paquistão, com alunos adolescentes do ensino médio e encontrou relação significativa entre IE e renda. Contudo, a pesquisa de Noor e Hanafi (2016) não seguiu o mesmo referencial teórico da IE de habilidades (Mayer et al., 2016).

A presente pesquisa e as demais apresentadas que investigaram a relação de IE e de renda não investigaram a estabilidade da renda familiar, ou seja, há quanto tempo o participante possuía a renda informada no questionário sociodemográfico. Tendo conhecimento dessa informação, poderia ser possível refletir com mais clareza sobre o efeito da renda familiar sobre as habilidades de PE e de CE. Como a renda familiar foi coletada apenas perguntando o retrato daquele dia que o participante respondeu ao questionário é importante se ter ressalvas quanto aos resultados emergidos. Portanto, pesquisas que investiguem a estabilidade da renda em relação à IE podem trazer outros resultados e reflexões para essa relação.

A variável escolaridade apontou correlação positiva fraca e significativa com TCE, o que indica que os participantes com melhor formação acadêmica tendem a ter melhor desempenho neste teste, resultados semelhantes aos da literatura científica (Cabello et al., 2014; Goldenberg et al., 2006). Apesar de todos os participantes terem concluído pelo menos o ensino médio, a correlação entre a variável e o construto pode estar relacionada ao fato do teste utilizado para avaliar CE envolver não somente a capacidade de IE, mas também as habilidades de leitura e compreensão de textos, fazendo com que as

pessoas com menos escolaridade possam ter menor desempenho nesse teste.

Essa foi a primeira pesquisa brasileira que buscou correlacionar os construtos IE, por meio das facetas PE e CE, e HS com a realização de testes psicológicos, pois é sugerido na literatura que são construtos positiva e significativamente relacionados, o que não foi confirmado nas análises correlacionais, uma vez que não houve correlação significativa entre nenhum fator, nem o EG do IHS2-Del-Prette em relação aos testes de IE, PEP e TCE. Tal ausência de correlação entre os construtos pode se dar pelas características dos próprios instrumentos utilizados, uma vez que os testes de PE e CE mensuram os resultados por meio do desempenho dos participantes, sendo que existem respostas certas e erradas, já o IHS2-Del-Prette é de autorrelato, no qual a pessoa responde a partir da percepção do seu desempenho em determinado comportamento, sem existir uma resposta certa ou errada, mas sim a resposta típica do comportamento do respondente, podendo ser influenciado pela desejabilidade social do respondente ou baixo nível de autoconhecimento.

Outras pesquisas encontraram resultados diferentes para a relação IE e HS (Nikooyeh et al., 2017; Salavera & Jarie, 2017), porém foram obtidos por meio de testes de IE respondidos por autorrelato, que não são os mais recomendados para analisar a IE entendida como construto cognitivo que processa as emoções. Mayer e colaboradores (2016), sugerem que a IE seja medida por instrumentos de desempenhos em tarefas relacionadas ao construto, pois assim poderia ser assegurada a validade discriminante em relação à personalidade, que geralmente é associada à IE quando medida por instrumentos de autorrelato, além medir mais diretamente a capacidade de raciocinar sobre ou a partir da emoção. Outrossim, as medidas de autorrelato de IE podem estar mais relacionadas à autopercepção emocional do que à habilidade de IE que o indivíduo realmente apresenta (Rooy & Viswesvaran, 2004).

Portanto, estudos posteriores poderiam

investigar como seria a relação de IE e HS se ambas fossem medidas com instrumentos que avaliassem o desempenho do participante para cada um dos construtos, com respostas certas e erradas. Também poderia ser realizada uma abordagem multimétodo, com instrumentos variados, por exemplo, aqueles que são respondidos por outras pessoas do convívio do participante, além dele próprio.

Outro argumento que poderia ser apresentado é o fato de que as HS sejam situacionais e tenham determinantes culturais envolvidos (Del Prette & Del Prette, 2017), sendo diferente da IE. As características situacionais das HS são consideradas pelo fato de uma pessoa apresentar uma classe de HS em uma situação e não apresentar a mesma classe em outra. Isso quer dizer que dentro de uma mesma cultura a apresentação de uma determinada classe de HS vai depender do contexto e da situação. Por exemplo, uma pessoa pode estar apresentando certas HS na interação com seus amigos em uma roda de conversa e, individualmente, no mesmo ambiente, apresentar outras HS para o seu namorado.

Ainda assim, apesar de aparentemente menos situacional que HS, a IE, por envolver as capacidades de percepção, facilitação do pensamento, compreensão e gerenciamento emocional, também não exclui o aspecto cultural, uma vez que a faceta de compreender as emoções envolve a capacidade de reconhecer diferenças culturais na avaliação de emoções e a demanda de percepção emocional considera como cada cultura expressa suas próprias emoções, sem contar que o gerenciamento emocional envolve a avaliação de estratégias para manter, reduzir ou intensificar uma resposta emocional e, para isso, é necessário saber agir adequadamente de acordo com a demanda emocional apresentada, que se relaciona aos aspectos situacionais (Mayer et al., 2016).

O fato de as mulheres não apresentarem melhores resultados significativos que os homens nesta pesquisa é diferente da maioria dos outros estudos que correlacionavam IE e sexo, sendo que as mulheres demonstraram maiores pontuações apenas nas facetas de percepção e de facilitação

emocional em um experimento (Castro-Schilo & Kee, 2010), em outro maior capacidade de compreender e de gerenciar emoções (Farrelly & Austin, 2007), ou no escore total de IE e na faceta de gerenciamento (Goldenberg et al., 2006). O resultado encontrado na presente pesquisa pode ter ocorrido devido a uma tendência atual de demandar uma maior exigência de sensibilidade emocional dos homens do que antes, inclusive nos processos seletivos das empresas, onde os aspectos emocionais também são analisados e, em alguns casos, até requisitados. Alterações sociais como essa podem ocasionar modificações culturais nos homens e nas mulheres, fazendo com que as determinações culturais emocionais, para ambos, estejam mais semelhantes atualmente do que no passado.

Foram encontradas como variáveis preditoras da PE a idade e o raciocínio abstrato, e no que se refere à compreensão, via TCE, o raciocínio abstrato e o raciocínio verbal. Dessa forma, é possível concluir que a variável de raciocínio abstrato é a que mais aparece como preditora de IE, uma vez que surgiu em ambos resultados da análise de regressão. Assim sendo, o RA por estar associado, principalmente, à inteligência fluida, que é mais determinada pelos aspectos biológicos e menos pelos culturais (Cattell, 1998), pode ser mais demandada também na percepção e na compreensão emocional. Além disso, assim como observado na correlação entre os testes de IE e G, esse resultado sugere que os instrumentos utilizados para avaliar tais variáveis neste trabalho investigaram construtos relacionados.

Na pesquisa de Cabello e colaboradores (2016) a idade dos participantes, que variava entre 17 e 76 anos, não muito diferente da presente pesquisa, também foi preditora de IE, mas em ambas as facetas, sendo maior em compreensão emocional do que na percepção, podendo tal diferença, ser causada pelas características dos testes, pois os instrumentos utilizados para a avaliação de IE foram informatizados, enquanto no estudo de Cabello e colaboradores (2016) eram respondidos em folha de papel. Ademais, o PEP, que avalia a percepção, apresentava vídeos de pessoas

expressando emoções, o que pode demandar uma percepção ainda mais apurada.

Como o TCE de compreensão emocional é um teste que exige capacidade de leitura e interpretação de texto, com respostas mais abstratas e complexas que no PEP, o fato de mais de 70% dos participantes já ter, pelo menos ingressado no ensino superior e todos concluíram o ensino médio, a presente amostragem pode estar relacionada ao fato da idade não ser uma preditora para a compreensão emocional, uma vez que todos os participantes tenderiam a possuir níveis semelhantes de leitura e de interpretação devido à escolaridade. Na pesquisa de Cabello e colaboradores (2016) não foi apresentado o grau de instrução. Essa mesma reflexão pode ser feita ao observar que o raciocínio verbal foi o maior preditor da compreensão emocional.

Considerações finais

A amostra estudada, foi composta de 120 adultos, com ampla faixa etária, de 18 a 61 anos, boa distribuição de escolaridade e renda. Mas, mesmo assim, sugere-se que novas investigações científicas sejam realizadas com o intuito de estudar a relação entre os construtos avaliados nesta pesquisa em amostras com características ainda mais variadas e mais amplas, se possível, com pessoas de todas as regiões do País. Outro ponto a ser considerado é a importância de estudos semelhantes no Brasil que abordem as facetas de gerenciamento e da facilitação emocional.

A presente pesquisa foi pioneira no Brasil ao investigar empiricamente a relação entre IE, por meio das facetas de percepção (PE) e de compreensão emocional (CE), e HS, sendo que ambos construtos estudam ou se aplicam às relações interpessoais. Também foi a primeira no País a analisar a relação entre IE (PE e CE) e renda familiar, contribuindo assim, para um melhor entendimento das características sociais da população em relação à IE, podendo auxiliar a prática terapêutica com o suporte de mais informações e características dos grupos, além de promover uma melhor compreensão do construto

em relação a estes aspectos. Contudo, essa pesquisa não analisou a estabilidade (há quanto tempo) os participantes tinham a renda familiar e a escolaridade informada, o que poderia contribuir para uma reflexão com mais clareza sobre o efeito da estabilidade da renda familiar sobre PE e CE. Desse modo, sugere-se que no futuro pesquisas sobre IE relacionada à renda e à escolaridade considerem a estabilidade dessas variáveis.

Ainda, novos resultados sobre questões com maior historicidade de discussão sobre a relação com a IE (inteligência, idade, sexo) aumentam o escopo de investigações científicas sobre esse construto. Todos esses dados permitem mais conhecimento sobre o conceito de IE, especificamente para as facetas estudadas neste trabalho, percepção e compreensão emocional, para a população brasileira, e também instigam a continuidade de pesquisas que venham somar para a maior elucidação da IE tanto nos aspectos científicos quanto nos cotidianos da vida das pessoas.

Referências

- Atkins, P. & Stough, C. (2005). Does emotional intelligence change with age? Paper presented at the Society for Research in Adult Development annual conference, Atlanta, GA.
- Cabello, R., Sorrel, M. A., Fernández-Pinto, I., Extremera, N., & Fernández-Berrocal, P. (2016). Age and Gender Differences in Ability Emotional Intelligence in Adults: A Cross-Sectional Study. *Developmental Psychology*, 52(9), 1486-1492. <https://doi.org/10.1037/dev0000191>
- Cabello, R., Bravo, B. N., Latorre, J. M., & Fernández-Berrocal, P. (2014). Ability of university-level education to prevent age-related decline in emotional intelligence. *Frontiers in Aging Neuroscience*, (6)37. <https://doi.org/10.3389/fnagi.2014.00037>
- Castro-Schilo, L. & Kee, D. W. (2010). Gender differences in the relationship between emotional intelligence and right-hemisphere lateralization for facial processing. *Brain and Cognition*, 73, 62-67. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2010.03.003>
- Cattell, R. B. (1998). Where is intelligence? Some answers from the triadic theory. In J. J. McArdle & R. W. Woodcock (Orgs.), *Human cognitive abilities in theory and practice*. New Jersey: Erlbaum.
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). Resolução n.º 009/2018 [Online]. Disponível: <http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>
- Cobêro, C., Primi, R., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT, BPR-5 E 16PF. *Paidéia*, 16(35), 337-348.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2. Auflage). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Çoban, B., Karademir, T., Acak, M., & Devecioglu, S. (2010). The emotional intelligence of students who are sitting a special-ability examination. *Social Behavior and Personality: An international journal*, 38, 1123-1134. <https://doi.org/10.2224/sbp.2010.38.8.1123>
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (1999). Teoria das inteligências múltiplas e treinamento de habilidades sociais. *Doxa Revista Paulista de Psicologia e Educação*, 5(1), 51-63.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2016). *Inventário de habilidades sociais: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2017). *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2018). *Inventário de habilidades sociais 2 (IHS2-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Pearson Clinical Brasil.
- Di Fabio, A. & Saklofske, D. H. (2014). Comparing ability and self-report trait emotional intelligence, fluid intelligence, and personality traits in career decision. *Personality and Individual Differences*, 64, 174-178. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.024>
- Duffy, S. P., McLean, S. L., & Monshipouri, M. (2011). Pearson's r correlation. Recuperado em 20 fevereiro de 2011, de <http://faculty.quinnipiac.edu/libarts/polsci/Statistics.html>
- Extremera, N., Fernández-Berrocal, P., & Salovey, P. (2006). Spanish Version of the MayerSalovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) Version 2.0: Reliabilities, Age, and Gender Differences. *Psicothema*, 18, 42-48.
- Farrelly, D. & Austin, E. (2007). Ability EI as an intelligence? Associations of the MSCEIT with performance on emotion processing and social tasks and with cognitive ability. *Cognition and Emotion*, 21, 1043-1063. <https://doi.org/10.1080/02699930601069404>
- Goldenberg, I., Matheson, K., & Mantler, J. (2006). The assessment of emotional intelligence: a comparison of performance- the assessment of emotional intelligence: a comparison of performance-based and self-report methodologies. *Journal of Personality Assessment* 86, 33-45. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8601_05
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Joseph, D. L. & Newman, D. A. (2010). Emotional intelligence: An integrative meta-analysis and cascading model. *Journal of Applied Psychology*, 95, 54-78. <https://doi.org/10.1037/a0017286>

- Lenhard, W. & Lenhard, A. (2016). Calculation of Effect Sizes. Recuperado 25 de janeiro de 2019, de: https://www.psychometrica.de/effect_size.html. Dettelbach (Germany): Psychometrica. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3478.4245>
- MacCann, C., Joseph, D. L., Newman, D. A., & Roberts, R. D. (2014). Emotional intelligence is a second-stratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. *Emotion*, 14(2), 358-374. <https://doi.org/10.1037/a0034755>
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*, 8(4), 290-300. <http://dx.doi.org/10.1177/1754073916639667>
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2008). Emotional intelligence: New ability or eclectic traits? *American Psychologist*, 63(6), 503-517. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.63.6.503>
- McGrew, K. S. (2009). CHC theory and the Human Cognitive Abilities Project: Standing on the shoulders of the giants of psychometric intelligence research. *Intelligence*, 37(1), 1-10. <http://dx.doi.org/10.1016/j.intell.2008.08.004>
- Miguel, F. K., Ogaki, H. A., Inaba, C. M., & Ribeiro, D. O. (2013). Percepção emocional e inteligência: contribuições para o modelo CHC. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 1(1), 36-47.
- Miguel, F. K. & Primi, R. (2014a). Criação de vídeos de expressões emocionais por meio de estímulos multimídia. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(1), 155-168. <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n1p155-168>
- Miguel, F. K. & Primi, R. (2014b). Estudo psicométrico do Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 1-9.
- Nikooyeh, E., Zarani, F., & Fathabadi, J. (2017). The mediating role of social skills and sensation seeking in the relationship between trait emotional intelligence and school adjustment in adolescents. *Journal of Adolescence*, 59, 45-50. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.012>
- Noor, F. & Hanafi, Z. (2016). Relationship between Demographic Factors and Emotional Intelligence: An Empirical Evidence from Pakistan. *The International Journal Of Humanities & Social Studies*, 4(5), 69-74.
- Oliveira, A. E. N. A. & Bueno, J. M. H. (2013). Construção e avaliação das propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação do conhecimento emocional. Poster presented at the VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, Maceió. Retrieved from http://www.ibapnet.org.br/congresso2013/lista_trabalhos_poster.php
- Petrides, K. V. & Furnham, A. (2000). On the dimensional structure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 29, 313-320. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00195-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00195-6)
- Petrides, K. V. & Furnham, A. (2001). Trait emotional intelligence: Psychometric investigation with reference to established trait taxonomies. *European Journal of Personality*, 15, 425-428. <https://doi.org/10.1002/per.416>
- Primi, R. & Almeida, L. S. (2000). BPR-5: Bateria de Provas de Raciocínio. Manual Técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rooy, D. L. V. & Viswesvaran, C. (2004). Emotional Intelligence: A meta-analytic investigation of predictive validity and nomological net. *Journal of Vocational Behavior*, 65, 71-95. [https://doi.org/10.1016/S0001-8791\(03\)00076-9](https://doi.org/10.1016/S0001-8791(03)00076-9)
- Salavera, C., Usán, P., & Jarie, L. (2017). Emotional intelligence and social skills on self-efficacy in Secondary Education students. Are there gender differences? *Journal of Adolescence*, 60, 39-46. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.07.009>
- Salovey, P. & Mayer, J.D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9, 185-211. <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>
- World Bank (2018-novembro). Data for High income, Pakistan, Turkey, Brazil, Low & middle income. Disponível em <https://data.worldbank.org/?locations=XD-PK-TR-BR-XO>

Endereço para correspondência:

Monalisa Muniz
Universidade Federal de São Carlos
Rodovia Washington Luis, Km 235 – Caixa Postal 676
13565-905 – São Carlos, SP, Brasil

Isaiás Peixoto

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil.

Monalisa Muniz

Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF); docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil.